

EDUCAÇÃO POPULAR PELAS LENTES DA ARTE, MEMÓRIA E SABERES DE MULHERES PERIFÉRICAS

Tamires Rodrigues da Silva ¹

RESUMO

O estudo reflete sobre o papel da arte, da memória e dos saberes de mulheres negras como agentes de educação popular em contextos periféricos e de resistência. Parte-se da compreensão de que a arte, em suas múltiplas expressões, constitui-se como prática pedagógica libertadora, capaz de promover a construção coletiva do conhecimento e a valorização das identidades. A memória, enquanto elemento ativo, resgata histórias e trajetórias invisibilizadas, fortalecendo vínculos comunitários, a autoestima de mulheres e suas comunidades. Os saberes das mulheres, partilhados oralmente ou por práticas culturais, revelam estratégias de cuidado, organização social e preservação das memórias que dialogam com a pedagogia freireana. A análise foi pautada em experiências concretas por meio de oficinas e rodas de conversa, evidenciando como a interseção entre arte, memória e saberes de mulheres potencializa processos educativos emancipatórios e reforça compromissos formativos nas periferias do Brasil. Conclui-se que esses elementos, quando articulados, fortalecem a autonomia das mulheres, ampliam a consciência crítica e inspiram novas práticas enraizadas na realidade social, cultural e política das mulheres negras e seus territórios, tornando-se instrumentos essenciais para a transformação social a partir das margens. Ao documentar e analisar oficinas e rodas de conversa, a pesquisa evidencia contribuições para a formação docente, para inovações educativas e para a valorização das narrativas que emanam das mulheres negras.

Palavras-chave: Educação Popular; Arte; Memória; Mulheres; Resistência.

INTRODUÇÃO

A Educação Popular é um movimento pedagógico e político característico da América Latina, tendo Paulo Freire como inspiração importante no Brasil. O movimento se consolidou em meados da década de 1960, em meio a ditadura militar e as lutas de resistência (Freire, 2001). Mas também surgiu no período da colonização brasileira, onde as pessoas escravizadas ensinavam e aprendiam na calada da madrugada, em meio ao sono dos escravizadores (Hooks, 2013).

¹ Mestra, licenciada pela pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Pernambuco, tamires.rodrigues@ufpe.br

As mulheres negras obrigadas a servir a casa grande, liam os jornais escondidas para se manter informadas sobre os acontecimentos (Hooks, 2013). Nas senzalas, elas também ensinam crianças, jovens, adultos e idosos (Davis, 2016). Naquela época e até hoje, ler e conhecer é um ato de resistência para a população negra.

Como um dispositivo estratégico de alienação, emancipação ou libertação, a educação é um lugar de disputa (Hooks, 2013). Quando estruturado sob uma lógica dominante, a educação torna-se um instrumento de alienação do sujeito, reproduzindo ideologia, valores, saberes e comportamentos que sustentam o status quo das desigualdades de acordo com seu tempo e espaço, acompanhando as tendências que surgem ao longo da história (Freire, 1994).

Neste contexto, forma pessoas passivas como em um processo de treinamento para aceitar, naturalizar e se adaptar às condições impostas, sem questionar estruturas de poder. Quando pensada criticamente a partir dessas mesmas estruturas, a educação se transforma em ferramenta de emancipação, autonomia e capacidade de um indivíduo ou grupo se reconhecer como potência, como “gente” (Freire, 2016).

Nesse sentido, Paulo Freire propõe a educação como prática de liberdade, compreendendo a educação também como um processo de construção compartilhada do conhecimento, em que educadores e educandos se reconhecem como sujeitos capazes de transformar sua realidade, território e ecossistemas (Freire, 1987). Assim, a aprendizagem deixa de ser um ato de transmissão e passa a ser uma ação dialógica, crítica e emancipatória, um caminho para a construção de um mundo mais justo e sustentável (Freire, 2016).

No entanto, é importante reconhecer que Freire, apesar de sua sabedoria e legado incontestável, era um homem branco e, portanto, também marcado por um lugar de privilégio racial e de gênero dentro das estruturas sociais brasileiras. Quem conta a história, traz consigo o peso e as perspectivas desse lugar de fala (Ribeiro, 2019). Por isso, é fundamental ampliar o olhar sobre a Educação Popular, incorporando as vozes, experiências e epistemologias de mulheres negras, que constroem substancialmente práticas educativas libertadoras em seus territórios, até mesmo antes de Freire sistematizar tais reflexões.

Conceitualmente, a educação popular é o “trabalho educativo não escolar que permeia ações da sociedade civil na construção do conhecimento” (Haddad, 2021). Tendo isso em vista, o objetivo do estudo é refletir sobre o papel da arte, da memória e dos saberes de mulheres negras como agentes de educação popular, compreendendo

como esses elementos, quando articulados, podem atuar como práticas potentes, contribuindo para a formação docente, inovações educativas e para a valorização das narrativas que emanam das mulheres negras.

METODOLOGIA

A escolha metodológica articula roda de diálogo, oficina de bordado e produção de gravuras. Essa metodologia fundamenta-se na perspectiva da educação popular e da pesquisa-formação (Josso, 2006), entendendo o espaço educativo para além do formal, como território de escuta, criação e troca de saberes. A roda de diálogos constitui-se como dispositivo pedagógico horizontal, valorizando a fala e a escuta como práticas de construção de sentidos (Moura, 2014).

De maneira geral, se refere a formação de círculos para conversação por meio de um estímulo temático. “Há também uma ênfase na participação ou mesmo no protagonismo dos integrantes das rodas, visando partilha de saberes e reflexividade sobre experiências individuais ou coletivas” (Pinheiro, 2020).

Nesse contexto, o diálogo se configura como um ato político e pedagógico que reconhece os sujeitos como produtores de saberes, possibilitando o surgimento de narrativas coletivas (Goulart, 2016). A oficina de bordado se insere na proposta metodológica na medida em que o ato de bordar mobiliza memórias, afetos, experiências, ludicidade e a livre expressão como formas legítimas de elaboração simbólica da realidade, além de aliviar o estresse e promover um processo leve de interação (Gryschek, 2020).

Com a produção de gravuras, foi ampliado o campo da experiência ao possibilitar outras formas de materialidade das reflexões emergentes da roda de diálogo. As gravuras funcionam como instrumentos de leitura e reescrita, permitindo que as participantes elaborem representações a partir de suas próprias reflexões, sonhos e memórias. Nesse sentido, a arte e a educação se entrelaçam em um processo dialógico, em via de mão dupla, em que a artesanaria atua como mediação para construção de saberes e simbologias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados indicam que a roda de diálogo e as oficinas se constituíram como espaços de formação, escuta e criação individual e coletiva, nos quais as mulheres participantes puderam reconhecer-se como sujeitos detentoras de saberes.

Figura 1 - Roda de diálogo com as Mulheres da Comunidade da Linha



Fonte: Rede ARATU, 2025

Durante a roda de diálogo (Figura 1), emergiram narrativas atravessadas pela dor, medo, insegurança e resistência, mas também por afetos, esperança e solidariedade. Esse exercício de fala e escuta reafirma o sentido de que a palavra é um ato político e libertador, sobretudo para mulheres negras, que, historicamente, são silenciadas.

Figura 2 - Bordado com as Mulheres da Comunidade da Linha



Fonte: Rede ARATU, 2025

Durante o bordado (Figura 2), as mulheres narravam lembranças e experiências à medida que as linhas se entrelaçam ao tecido. Cada ponto simboliza um movimento

singular e subjetivo, com toque de cuidado, afeto e saberes que nasce do vivido com a Comunidade da Linha, em Recife - PE, território de moradia das mulheres.

Figura 3 - Gravuras com as Mulheres da Comunidade da Linha



Fonte: Rede ARATU, 2025

Durante os momentos de gravura (Figura 3), as mulheres sorriam, como uma forma de expressão e celebração de suas memórias, histórias individuais e coletivas. Um gesto simples, mas que revela como a artesanania se constitui não apenas como uma atividade meramente tecnicista, mas como um espaço autêntico de construção de sentidos, mobilizando afetos, memórias e experiências compartilhadas, reafirmando o papel da arte como meio de educação popular.

As experiências compartilhadas pelas mulheres podem ser compreendidas à luz do conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo, na ótica daquilo que nasce do vivido (Evaristo, 2021). Nesse contexto, esse processo se constitui como espaços de produção de conhecimentos e narrativas coletivas, nos quais memórias, afetos e vivências são transformadas em linguagem simbólica.

Ao mesmo tempo, dialogam com as perspectivas de Becos da Memória, enfatizando a importância de resgatar e preservar as memórias de comunidades negras como estratégia identitária e de resistência cultural (Evaristo, 1989). Nessa perspectiva, Josso (2016), argumenta que os sujeitos formam uma identidade individual e coletiva, construída tanto a partir da percepção que temos de nós mesmos quanto da maneira como somos reconhecidos pelos outros. Assim, se articulam enquanto educação popular nas comunidades periféricas do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados evidenciam que a educação popular, quando atravessada pela arte, memória e pelos saberes de mulheres negras periféricas, reafirma-se como prática emancipatória a partir da criação de espaços de escuta, autonomia e construção coletiva. Nesse processo, a arte configura-se para além da dimensão estética, abrangendo-se como instrumento político e pedagógico que mobiliza experiências, identidades e territorialidades.

A centralidade das mulheres negras nas práticas observadas reconhece um lugar de protagonismo historicamente silenciado pela estrutura racista e patriarcal dominante. Ao partilhar suas histórias e saberes, as mulheres negras ressignificam percursos e constroem redes de solidariedade reivindicando seus lugares enquanto sujeitas históricas e fundamentais nas mudanças sociais. Portanto, a articulação entre educação popular, artesanaria e memória coletiva é capaz de promover processos transformadores enraizados na realidade das mulheres, seus saberes e territórios.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Projeto de extensão universitária “**A Linha do Trem e A Linha da Vida**”, coordenado pela professora Izabela Galera, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que, junto aos extensionistas e à Rede ARATU, planejaram, implementaram e avaliaram as atividades em epígrafe.

O projeto “A Linha do Trem e A Linha da Vida” foi reconhecido nacionalmente ao ser premiado no **Edital Periferia Viva**, promovido pelo Ministério das Cidades, em 2024. Essa conquista é resultado de um trabalho desenvolvido com dedicação e comprometimento com a causa social, especialmente na luta pelo direito à moradia digna e na defesa dos territórios ameaçados por despejos forçados.

Agradeço às mulheres da **Comunidade da Linha**, em Recife-PE, pela força e sabedoria compartilhadas, que inspiram e sustentam a luta coletiva pelo direito à moradia e pela valorização do território enquanto espaço de retomada.

Por fim, agradeço a Rede **ARATU**, pela parceria, escuta sensível e compromisso coletivo na construção de práticas que fortalecem os territórios, a educação popular e as

lutas por justiça socioambiental. Na ação em epígrafe, especialmente à Ingrid Barbosa, Raissa Gomes e Mariana Monteiro. Maravilhosas!

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação pela fome**. Entrevista concedida a Marilene Felinto e Mônica R. da Costa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 maio 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/mais/historia/290594.htm>. Acesso em: 11 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2001.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Linguagem, dialogicidade e docência: o processo de formação em atos. **Revista Diálogo Educacional**, v. 16, n. 49, p. 705-726, 2016.

GRYSCHK, Christine; NEUBARTH, Bárbara Elisabeth. A arte do bordado dentro da perspectiva da clínica de afetos. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental / Brazilian Journal of Mental Health**, v. 12, n. 33, p. 41-54, 2020.

HADDAD, Sérgio; PIERRO, Maria Clara Di. Considerações sobre educação popular e escolarização de adultos no pensamento e na práxis de Paulo Freire. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. e255872, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos das histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre; Salvador: Edipucrs; Eduneb, 2006a. p. 357.

MOURA, A. F.; LIMA, M. A. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 98-106, 2014.

PINHEIRO, Leandro Rogério. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, v. 31, p. e20190041, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.